

UMA REFLEXÃO SOBRE O FILME “O NOME DA ROSA”

Magali Aparecida POSSAN¹

ECO, Umberto. *O Nome da Rosa* (The name of the Rose). Duração do filme: 130 minutos. Direção: Jean-Jacques Annaud. Idioma: Inglês (legendado).

Num mosteiro isolado no alto das montanhas - próximo de Deus e distante dos homens, o monge franciscano William (Sean Connery) é chamado para desvendar misteriosas mortes que ali vêm ocorrendo. A história transcorre no ano de 1327 durante a Inquisição, em um Mosteiro Beneditino no Norte da Itália, e retrata o mundo medieval das trevas, da escuridão, do frio; o mundo regido pelo religioso, pelo sobrenatural e pelos mistérios...

Irmão William, uma pessoa dotada de uma notável inteligência lógica, é um verdadeiro investigador. Guiado pelos filósofos gregos e pela filosofia de Aristóteles, representa o pensamento científico e racional e tem uma postura que sempre contraria os “boatos irracionais”.

Adso, um noviço que acompanha mestre William nas investigações e que está sob os seus cuidados, ao contrário da maioria dos personagens feios e grotescos, é um rapaz bonito e de traços delicados. É ele (agora, um velho monge) que narra a crônica dos dias inesquecíveis em que lá viveram.

Os personagens insólitos têm uma presença marcante nesta trama. Muitas pessoas com deficiências habitam o espaço social do mosteiro: anões, corcundas, pessoas com cabeça enorme, orelhas desproporcionais, nariz aquilino e comprido. Integradas à vida dessa comunidade, essas pessoas têm cada qual a sua função no interior de uma rígida disciplina de trabalho. No entanto, apesar de inseridas nesse ambiente, são vistas como pessoas vulgares, como “bobos”. Dentro de uma visão de mundo religiosa, a conotação dada à elas está diretamente ligada ao sobrenatural e ao misterioso: “um corpo deformado só pode abrigar um espírito deformado” e, por isso, são lhes atribuídos fantasiosos poderes diabólicos e malignos.

⁽¹⁾ Aluna do Curso de Educação Especial da PUC-Campinas. Mestre em Sociologia pela UNICAMP.



Resenha

Salvatore, personagem exemplar, é um corcunda e parece ter uma deficiência mental. Na verdade ele utiliza sua aparência grotesca como forma de sobrevivência no interior do mosteiro, escondendo seu passado herege de um tempo em que era membro de um grupo religioso que, por acreditarem na pobreza de Cristo, matavam os ricos. Exerce um importante papel como fonte de informação, embora guarde para si segredos inconfessáveis e, por isso, quando inquirido por Bernardo Gui, o inquisidor, utiliza-se do refúgio de sua aparência dizendo: “Estúpido, estúpido... não sabe nada...”.

Venerável Jorge, um velho monge beneditino cego que exerce o papel de conselheiro, representa o não lógico e o irracional do mundo medieval; personifica o pensamento religioso reinante na época, prisioneiro do sobrenatural: “Saíam daqui! O demônio ronda este mosteiro!”, preconiza como um profeta.

O demônio também se personifica na sexualidade da mulher, “a bruxa”, aquela que seduz, e no homossexualismo presente no interior do mosteiro: “havia algo de feminino, de diabólico, no jovem que morreu”, diz Venerável Jorge, “...ele tinha olhos de moça”.

Um mundo de trevas e de mistérios é muito bem ilustrado pelo ambiente no qual transcorre a história: escuro, gélido, cheio de salas, portas e escadas, mais parecendo um labirinto. “O labirinto tem encantos...” diz mestre William para Adso com a tranqüilidade de um ancião, que se vê perdido e assustado diante da imensidão do desconhecido.

As regras rígidas de disciplina do corpo e dos desejos justificavam a busca do aperfeiçoamento espiritual do homem; a mortificação da carne, o autoflagelo e a penitência, faziam parte da formação moral a que eram submetidos os monges. Da mesma forma, o estudo e a reprodução das obras também era uma maneira disciplinar de combater a ociosidade.

Únicos locais de conservação e multiplicação do conhecimento na época, os

mosteiros eram os grandes depositários da literatura e do saber antigo, por meio das cópias e reproduções dos manuscritos realizados pelos monges (copistas). Este trabalho era realizado em uma grande biblioteca que tinha sua entrada restrita apenas à alguns membros da comunidade e era um local proibido por esconder o Conhecimento e guardar muitos segredos.

A hostilidade em relação à cultura antiga e pagã, considerada uma heresia, obrigava os monges a estudar apenas as obras de cunho religioso, sendo muitas das obras clássicas destruídas “por não serem dignas de conservação”. Representavam na verdade um conhecimento proibido por conter uma sabedoria diferente, sendo que algumas obras possuíam idéias que poderiam colocar em dúvida a infalibilidade da palavra de Deus: “A interpretação humana é falível e a dúvida é a inimiga da fé”.

Assim, com esses ingredientes, uma Obra de Aristóteles dedicada à “comédia”, desaparecida há séculos, escondida na biblioteca e censurada pelos dirigentes da Igreja, se torna peça chave da história. Se a “sabedoria está na tristeza que amplia o conhecimento e o pensar”, uma obra que fala sobre o “riso” é essencialmente perigosa: “apenas o bobo levanta a voz em risos, pois não compreende o espírito...”.

No interior deste clima de irracionalidade e mistério, a primeira das muitas mortes que se sucedem é a de um monge considerado um “estudioso brilhante”. Venâncio, o monge que morre em seguida é considerado “o melhor tradutor grego” do mosteiro. Estas mortes são apenas o início de uma trama diabólica na qual se enredam mestre William e seu pupilo.

Filme realizado a partir do romance de mesmo nome escrito por Umberto Eco, *O Nome da Rosa* é uma bela e fiel reconstituição de uma época sem crepúsculos, em que “não se deve rir, pois o riso mata o temor e sem temor não pode haver fé”, onde “se não se teme ao demônio, não há necessidade de Deus”.